

Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco

4



PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

**COMUNIDADE TRADICIONAL
QUILOMBOLA FAMÍLIA LÍDIA BATISTA
DO SANGRA DOURO GRANDE**



PROJETO
**CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

Fascículo Nº 4 Julho 2018

**CARTOGRAFIA DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS
DO RIO SÃO FRANCISCO**

**COMUNIDADE TRADICIONAL QUILOMBOLA FAMÍLIA LÍDIA
BATISTA DO SANGRADOURO GRANDE**

**Capa: Território do Quilombo Sangradouro Grande, ao
fundo o Morro do Chapeú (Equipe de fotografia, 2017)**

PARTICIPANTES DA OFICINA

Antônio Gonçalves (Zete) (47 anos)
Henry Bonfim Bonifácio (57 anos)
José Orlando Francisco dos Santos (Zê) (48 anos)
Maria das Dores Ferreira Teixeira (Dora) (58 anos)
Olivia Bonfim Bonifácio (70 anos)
Cleide Alves Pereira (29 anos)
Maria Cristina Bonfim (50 anos)
Erotildes Batista dos Santos (61 anos)
João Nogueira dos Santos (43 anos)
João Alves de Barros (73 anos)
Lídia Bonfim Gonçalves (59 anos)
Eva de Jesus Lima (42 anos)
Amélia Batista Novais (39 anos)
Gleyce Lorrany Batista Novais (17 anos)
Afonso P. da Silva Filho (39 anos)
Ramiro Batista dos Santos (Barba Dura) (64 anos)
Mariana de Oliveira Mendes (23 anos)
Osvaldo Alves Ferreira (Valdo) (48 anos)
Faustino Lima dos Reis (63 anos)
Leonardo Correia de Carvalho (43 anos)
Edgar Gonçalves Cardoso (49 anos)
Valdeci Batista Romão (67anos)
Maria Aparecida Alves Teixeira Silva (34 anos)
Daniela Teixeira Silva (Dane) (16 anos)
Ketley Cristina Oliveira Silva (11 anos)
Camila Alves dos Santos (13 anos)
Robson Viveiros de Souza (33 anos)
Davi Pereira (29 anos)
Edmilson Batista da Costa (40 anos)
Sérgio Correia (36 anos)
Edmar Evangelista de Souza (50 anos)
Pedro Correria (30 anos)
Douglas Teixeira da Silva (10 anos)
Douglas Correia dos Reis (27)
Paloma Gomes de Sousa (23 anos)
Maria de Jesus Correa dos Reis (54 anos)
Maria Vitória Mendes Cardoso (4 anos)
Vitória Carolina Ramos dos Santos (8 anos)
Wellwn Geovana Bonifacio Vieira (7 anos)
Jackson Teixeira Lima (4 anos)
Ryana Mendes de Sousa (54 anos)
Jandira Bonifácio Souza (46 anos)
Diogo Helbert Gonçalves Pereira (28 anos)
Welliton Bonifácio Souza (30 anos)
Gualu Batista dos Santos (31 anos)
Maysa de Amorim Oliveira (26 anos)



*Comunidade Quilombola Família Lídia Batista de
Sangradouro Grande - Grupo da Cartografia (Equipe de
fotografia, 2017)*

Leonardo Ferreira de Souza (33 anos)
Maria Madalena Batista Cardoso (47 anos)
EQUIPE DE PESQUISA
Alzení Tomáz – SABEH/Nova Cartografia Social
Amanda Couto de Medeiros – Mestranda PPGSAT UFGM/
UNIMONTES
Bruno Henrique Nogueira Cardoso – CPP Minas Gerais
Gilmar Santos (CPP – BA)
Juracy Marques - SABEH/UNEB/Nova Cartografia Social
Leticia Aparecida Rocha – CPT/Opará UNIMONTES
Neusa Nascimento - CPP/MG
Paula Cordeiro – UFBA/Cartografia Social
Paulo Wataru Morimitsu – UNEB/SABEH
Rafael Pereira Santos – CPP Minas Gerais
Sílvia Janayna Oliveira Veriato - SABEH

ELABORAÇÃO DO MAPA

Paula Cordeiro, Alzení Tomáz, Leticia Ap. Rocha, Gilmar
Santos, Rafael Pereira Santos

FOTOGRAFIAS

Alzení Tomáz
Bruno Henrique Nogueira Cardoso
Leticia Aparecida Rocha
Rafael Pereira dos Santos

PROJETO GRÁFICO

Philippe Teixeira

Ficha Catalográfica

C328

Cartografia social de povos e comunidades tradicionais do Rio São Francisco – Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil central – N. 04 (Jul. 2018) / Coordenação da pesquisa: Alzení Tomáz et al. – Manaus: UEA Edições / PNCESA, 2018.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).

ISBN: 978-85-7883-481-4

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Quilombolas I. Título.

CDU: 528.9:39

(Bibliotecária Responsável: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

AS ORIGENS DO QUILOMBO

“ A comunidade se chama sangradouro grande porque aqui tem um sangradouro muito grande, muito valente, trazia muito peixe do rio para as lagoas”.

Maria A. A. Batista, 59 anos

“ Em 1908 ou 9 aqui chegou uma família e tomaram conta da beira do rio, até a cerca lá. A tia mais velha dela (Lídia Bonfim) nasceu em 1910 aqui. Foram pessoas que nunca desistiram daqui. Então a gente plantava mandioca, pescava um peixinho para comer. O sofrimento era muito quando o rio vinha a gente tinha que se arretirar porque não tinha como ficar. [...] nós é vazanteiro, outros pescadores [...] A família mais antiga aqui é da dona Lidia Batista dos Santos. É a família que primeiro foi dona daqui essa aqui é bisneta dela, aqui estão os descendentes dela [...] O senhor Antônio evangelista dos santos comprou estas terras, depois o documento sumiu. Ficou como terra dos ausentes, mas tinha os descendentes dele que existia. As minhas filhas são descendentes dele e outros. [...]. Estas terras aqui sempre foram dos descendentes de Eduardo Batista Pinto e Lidya Batista dos Santos [...]”.

Maria Aparecida A. Batista, 59 anos

“ Quem criou a comunidade foi Antônio da Croa, o tio que criou Lídia Batista. Ele não tinha filhos. Os mais velhos chamavam o Antônio do Croa de loiô. Quando eu nasci ele já

tinha morrido. Nós chamávamos os mais velhos tudo de loiô (avô) e laiã (avó). Até hoje, a gente fala: laiã Lídia, laiã Ana [...] A nossa criação foi assim para muda para vó e vô deu trabalho. O meu avó Eduardo que veio da Bahia, casou com minha avó Lídia Batista. Quando Antônio da Croa morreu, meu avô Eduardo e minha avó Lídia Batista ficaram morando aqui, e teve uns 18 filhos, foram crescendo e casando, cada um ficando em um pedaço de terra, cada um ia tendo sua família. Aí começou a chegar os fazendeiros, isto na terceira geração. E começou a dizer que eram donos da terra, permitiam cultivar um lugar, e no ano seguinte dizia que ia usar aquela área para pasto, e a família tinha que começar em outra parte, assim os mais fracos começaram a ir embora”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ Minha vó tinha os documentos da terra, mas aqui quando o rio enchia inundava tudo. A mulher do Astero Tabaiana, fazendeiro desse lugar, se ofereceu para guardar os documentos para não molhar, e a minha avó deu para ela guardar. Elas eram muito amigas, ela vinha aqui pegar frutas para fazer doce. Era um documento que o loiô Antônio da Croa deu para ela, que comprovava que as terras eram deles, pois ele não tinha filhos, era só ela. Depois que Astero Tabaiana morreu, o Asterinho Filho, não quis nem saber, deu fim o documento.

Até quando eu cheguei para cá há uns 40 anos tinha o documento no cartório de Januária. Quando tentamos ver se conseguíamos o documento falaram que pegou fogo no cartório e toda a papelada foi queimada. Pelo jeito pegou fogo só nos papéis de interesse deles, no que dizia que a terra era da minha avó pegou fogo”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ Com o tempo tivemos que afastar daqui, fomos praticamente expulsos, Ninguém chegou e falou vcs saem, mas foi empurrando o gado dentro das roças, o que plantava o gado comia, não tinha para quem reclamar, porque não é como hoje que tem lei, naquele tempo era um mundo sem lei. A lei era do que podia mais. Quem podia mais é quem fazia a lei. O povo foi chegando cada vez mais para a beira do rio. Antes moravam mais para cima, iam pescar nas lagoas que tinha aqui para trás: lagoa das garças , lagoa do chico, lagoa grande, lagoa da rosinha – tem outras que eu não lembro o nome agora. La eles iam pescar, como também pescavam no rio. A gente vivia dentro deste pedaço que hoje é chamado comunidade Sangradouro grande Lidya Batista”.

Erotides B. dos Santos, 61 anos



Antiga casa de farinha da Família antiga de Lídia Batista (Equipe de fotografia, 2017)

“ Fui criada aqui muito tempo. Corria dentro desta mata aí. Morria de medo de cobra mas corria aí. Aqui a gente vivia do que plantava do que colhia. Se desse a gente colhia, se não desse a gente não tinha. O maior tempo dava, naquela época chovia bastante. Tinha como eles falavam a época das águas. Chovia muito e as roça do alto dava muita coisa. A gente tinha muito fruto silvestre que nem a pitomba, mutamba, jatobá, saputá, o jenipapo. Era tudo frutos silvestres que a gente tinha, cada tempo era uma coisa, Na época do pequi, quando a gente queria, íamos lá para fora, do Paud’óleo para dentro, tinha que ir buscar. Agora aqui neste pedaço, os primeiros moradores que eu me lembro, desde que eu nasci- já estou com 61 anos, que eu lembro mais era das minhas tias, minha vó, meu pai, mãe, primos e primas, tudo foram casando e continuavam aqui no sangradouro grande para cá era a vida nossa”.

Erotildes B. dos Santos, 61 anos

“ Esse território tem memória, porque sempre foi lugar desses mais velhos”.

Olivia B. Bonifácio, 70 anos

QUANDO RIOSUBIA...,CORRIAMOS PARA O REFÚGIO



Pescador limpando peixe no Quilombo Sangradouro Grande (Equipe de Fotografia, 2017)



Pescadores tecendo rede no Quilombo Sangradouro Grande (Equipe de Fotografia, 2017)

“ Na época das enchentes nossa família ia para a área de refúgio, lá “fora” no Pau-d’óleo e Gameleira a gente se abrigava lá. O fazendeiro Astéro fazia assim, por exemplo quando ele se apropriava da gleba de um, ele ia cercando todos

“ os vizinhos em volta, até que eles se desgostem e saíssem. Ele apertava ali com gado, você não podia mais plantar e colher nada e acabava saindo . A única pessoa que firmou o pé, sofreu e não saiu foi a laiã Ana. É onde Maria e Manoel Barbadura moravam (já são falecidos). Eles permaneceram a tranco e barranco. Lá tem as marcas da casa de farinha, o engenho antigo”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ O pai antigamente escavava que nem índio de flecha, de chumcho. Eu lembro que na época da ribada falavam: *olha tá passando um cardume de curimatá, de surubim*. Aí eles corriam para o rio e pegavam peixes.

Erotildes B. dos Santos, 61 anos

“ Eu sou pescador mesmo, quando eu nasci, meus avós, meus pais tudo já eram pescadores, meus irmãos são pescadores. Eu já nasci colocando, de pequeno, canoa para eles, aprendi a flechar. Eu via o surubim boiando e flechava. Era tipo os índios. Com flecha pegava curimatá, surubim. Manoel meu irmão, o pai dela aqui (Amelinha) era muito bom para isto. Hoje eu sei flechar, sei fazer tarrafa, sei fazer rede, sei remendar. Me criei da pescaria, estou na folia. Sou pescador e lavrador nascido e criado aqui”.

Ramiro B. dos Santos, 64 anos

“ Quando um ajuda a limpar o lance do outro tem direito de pescar, lá, por exemplo o Ramiro tem direitos no lance de Caraíbas. O Gilberto filho de Ramiro, é um mergulhador de Caraíbas. Aqui no ilhote: eu, aquele, compadre Eremilson nós ajuda a limpar o lance, então nós tem direito de pescar lá no lance do ilhote. Quando chega a época de limpar os lances, quem tem interesse vai lar ajudar a limpar”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ É importante para nós pescadores ficar perto do rio, aqui tem também espaço para as crianças brincarem. Aqui a gente pode dar um futuro melhor para os nossos filhos. Tem leite, peixinho na hora...”

Mariana O. Mendes, 23 anos

A RETOMADA, O SANGRADOURO É NOSSO, O QUILOMBO É NOSSO

“ Este território é resistência e luta. Aqui é a terra dos antepassados tem muita história”.

Amélia B. Novais, 39 anos



Lagoa das Garças, marginal do rio Ipueiras – subafluente do rio São Francisco (Equipe de Fotografia, 2017)

“ Na época que eu queria retomar o nosso local, eu convidei a família, mas muitos não quiseram. Aí eu convidei outros colegas, conhecidos que a gente tinha amizade, como o senhor Faustino e os meninos dele. Na época até outras pessoas que não eram desejadas se manifestaram de vir. Eu não podia falar não na época. Eu no íntimo também tinha medo, mas também achava que eu tinha que recuperar a terra da família. Por isso arrumei um grupo maior, viemos e acampamos lá nos pés de manga, que é o local da sede, ficamos lá cada um com seu barraco. E aí ficamos, o Pelotinha, o gerente da fazenda, mandava recado ameaçando. E mesmo assim ficamos. Depois eu disse para o pessoal: vamos começar a trabalhar cada um pega um pedaço de terra e vamos plantar roça. Quando entramos tinha 43 famílias, isto em 2011 e em 2012 montamos a associação”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ O Manoel Barba Dura (falecido em 2016) falava é tudo nosso, temos que retomar. Aí eu, meu esposo e o Ramiro fomos andando nas terras e vendo os pés de laranjas que minha avó havia plantado, a casa velha de um e de outro da família. Ele foi me mostrando e eu fui me animando. Tinha uns da família que tinha medo e não queria vir, outros quiseram, aí juntamos que podia, fizemos reuniões. Ai deu certo viemos e retomamos o que era nosso”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ Aqui tem história, você vai ali cortar um pau e você lembra: moço eu já brinquei aqui, que nem este caminzinho aqui – nós passávamos correndo. O baixão era normal, a gente vinha com o pai a mãe – quando chegava aqui assim a gente pegava uma carreira para chegar na casa da vó primeiro que o outro. Então, tem história, a gente passa para os filhos, pros netos, agora até bisnetos, tem um pequenininho que quando crescer nós vamos falar: isto aqui era do seu bisavó, tataraneto já , a gente não quer sair daqui não. Aquele pé de juá deve ter uns 200 anos, eu já tenho 70, nós passávamos aqui, eu não quero corta nada, eu quer é plantar mais”.

Olivia B. Bonifácio, 70 anos

TRADIÇÃO E CULTURA: REIZADO, SÃO GONÇALO E LUNDUM

“ ... A folias de reis chegava dia 31 de dezembro, tinha janta e meia noite os foliões saíam cantando de porta em porta [...], eles cantavam seis dias. Eles cantavam por mundo afora todinho. Era lá por cantinho, barro vermelho, Paudóleo, Guebra Guiada, para todos estes lugares aí para cima eles andavam. Era no balaieiro. No dia da festa mesmo era muito bom, era aquela comidaiada que as tias faziam no capricho. Porque era assim, terminava a folia em um ano e eles já falavam: vamos engordar este porquinho para o próximo ano, a folia. Outros criavam uns frangos que é para a próxima folia. [...] Aí tinha a reza, depois é que vinham a s danças: que era o batuque, o lundum, o sapateado”.

Erotildes B. dos Santos, 61 anos



*Folia de Reis e Lundu no Quilombo Sangradouro Grande
(Equipe de fotografia, 2017)*



Maria e Manoel Barba dura – puxadores de batuque –
in memoriam (arquivo CPPMG, 2014).

“ Quem puxava o batuque era o Manoel ou dindinha que era a esposa dele (Maria e Manoel barba dura), também já falecida. [...]. Tia Ana saía de dentro da casa dançando o batuque com a candeia na cabeça acesa, saía dançando e aquilo não caía da cabeça dela. Parece até incrível de acreditar, mas era pura verdade. A minha vó saía com a garrafa de pinga na cabeça e eles cantava assim: *De lá vem Sá Lidia de dentro, com a garrafa na mão enganando a gente!* Mas a garrafa estava na cabeça. E ela sambava o lundu, mesmo com a garrafa na cabeça. Sambava que a poeira levantava e a garrafa não caía. Ela tinha uma ginga muito bonita. (**Erotildes B. dos Santos, 61 anos**). Cada canto tem um sapateado e um rebolado. Se é para são Gonçalo tem o jeito da dança, se é para santos reis tem o jeito de sapatear. Cada canto tem uma história, baseado na história dos antepassados”.

Ramiro B. dos Santos, 64 anos

“ Todas as minhas tias eram rezadeiras de crianças que tinha quebrante, que tinha não sei o quer. Tinha tia Fonsa e mãe Idalina, a gente chamava ela mãe Idalina desde que eu me entendi por gente... (**Olívia B. Bonifácio, 70 anos**). De remédios tinha muita garrafadas. Aqui usavam muitas cascas, a do juá para escovar os dentes. Eles usavam de de são baridi para cortar febre, gripe, a raiz do tipí faziam torrado junto com nanoscada – uma frutinha hoje já não se acha mais aqui, mas no mercado tem. A sucupira eles usam para a dor nos rins, no fígado, no baço. Qualquer tipo de dor usam muito o chá da sucupira. E tinha também a paulistinha que era bucha do mato, mas se bebesse muito morria. Eles dividiam a banda, da banda em quartos e daquele um quarto, dava para a pessoa adulta, se fosse criança, ainda era metade do quarto.

“ Ferviam junto com outras raízes e davam para as pessoas beberem, para curar sinusite que eles falavam que era constipado né? Eles, de Paud’oleo para foram, usam muito outras raízes que davam na chapada: raiz de tiú, raiz de mussamber – para curar tosse cumprida. O sene também era colhido na chapada – para sarampo, caxumba, catapora – era chá de sene com caroço de milho – para baixar a febre e fazer o sarampo ou a catapora estourar logo para fora, porque depois de estourar a febre cessa. Eram bem raizeiros”.

Erotildes B. dos Santos, 61 anos

“ A casa do finado zé de Rita, era lá na beira do sangradouro grande, do lado de baixo. Ele era bezendor e raizeiro. Falavam era que eram curandeiro que fazia garrafadas. A pessoa chegava e falava o que estava sentindo tal coisa, ele fazia uma garrafada e dava se precisasse benzer ele benzia”.

Erotildes B. dos Santos, 61 anos

“ Os tipos de pesca eram: flecha, chumcho, rede, tarrafa, a maior parte era tarrafas nas lagoas. E arco e flecha – eles ficavam em cima da árvore e soltava a flecha quando o peixe ia passando. Ele descia e ainda tinha que correr atrás do peixe com flecha”.

Erotildes B. dos Santos, 61 anos



Local do barreiro do forno nas barrancas do rio São Francisco (Equipe de fotografia, 2017)

“ Nós convivíamos aqui em uma grande família, os tios faziam telhas ali para baixo em Manoel, tinha um forno de queimar telha e tijolo, faziam potes de barro, moringa de barro – para por água para conservar a água fresquinha, naquela época era tudo artesanal mesmo. Até as vasilhas de carregar água era cabaça.[...]Os pais e a mães e as tias iam pegar tingui para fazer sabão, não existia soda. Esse sabão era feito decoada, eles faziam tipo de um coxo, ia colocando cinza dentro e água, o que pingava em baixo era tipo uma soda – que eles chamavam decoada. Aí cozinhava o tingui, a barrigada do porco, tudo para fazer o sabão. Era o sabão que nos usávamos. Ele era para tudo: banho, roupa, para lavar louça”.

Erotildes B. dos Santos, 61 anos

“ O barreiro do forno é o lugar onde nós tirávamos barro para fazer as telhas. É bem no barranco do rio...”

Ramiro B. dos Santos, 64 anos

“ Eu sou neta de Arlindo e Idalina. O livro de São Cipriano era um livro que meu avô Arlindo tinha, era de aprendizado dele mesmo, mas não fazia maldade com ninguém, era só para uso dele mesmo. Era para se defender, o pessoal disse que ele aprontava, aí a polícia ia atrás dele, e ele virava um toco na estrada, subia em um pé da árvore e ninguém enxergava ele, era assim. Minha tia tentou queimar o livro, queimou só o branco, as letras viraram borracha, aí jogaram fora”.

Maria Madalena B. Cardoso, 44 anos



Maria Madalena e Vitor – neta e bisneto de Arlindo Batista (Equipe de Fotografia, 2017)

cercas nas lagoas, para nós não passarmos. O senhor Pelotinha é quem veio tentar tirar o povo daqui agora, em 2012”.

Erotildes Batista, 64 anos

Muitos fazendeiros também não deixam a gente pescar nas lagoas que estão do lado dele. E dependendo até bate. Tem caso na nossa região de gente apanhar de fazendeiro. o fazendeiro anda armado, a gente não, pois a nossas armas são de trabalho: foice e enxada e faca. O fazendeiro além de capataz ele usa arma de fogo”.

Mariana de Oliveira Mendes, 23 anos



Draga, destruindo as barrancas do São Francisco pela empresa JRM (Equipe de fotografia, 2017)

CONFLITOS E DESTRUIÇÃO DO SÃO FRANCISCO

“ Aqui tem a cerca do Valtinho, o gado dele pula a cerca e vem comer agora no presente as plantas dos que estão perto trabalhando. O Fazendeiro que nos expulsou foi o Astero Itabaiana. Eles fizeram

“ A Dionísia com o esposo dela são os pioneiros que sempre moraram aqui. Eles trabalharam aqui na travessia da balsa – vendiam peixe, milho cozido, mandioca. Foram progredindo, montaram uma barraquinha, na época nem energia elétrica tinha. Eu me lembro que eles tinham uma geladeira a gás. Agora depois de mais de 40 anos, veio uma empresa e montaram uma draga lá, tirando areia do rio, e derrubando todas encostas, as barrancas estão despencando tudo. A draga está desbarrancando muito o rio, porque puxa areia, a tendência é cair os barrancos. E aí está chegando muito daqui um tempo não vamos mais conseguir passar aqui. Ela cercou e ele mandou derrubar, umas duas vezes fez isto. Terminou que ela não resistiu, morreu. Os filhos dela ainda vende comida. A filha dela estes dias atrás estava dizendo que a poeira da brita está fazendo mal para eles, e entraram na justiça para ver se tira a brita de lá. A Dionísia, já havia entrado uma vez por causa, de um pedaço de terra que eles pegaram dela”.

Hosana Rocha, 52 anos

“ Nós estamos sendo espremidas, de um lado a draga e do outro fazendeiro. As pessoas que nasceram aqui podem acabar sem ter onde morar, porque de um lado tem a draga que faz o rio desbarrancar e do outro o fazendeiro que não deixa o povo passar”.

Lidia B. Gonçalves, 59 anos

O RIO E OS BAIXÃO



O rio é a sobrevivência do Quilombo (Equipe de fotografia, 2017)

“ O rio para mim é tudo! Eu falo que o rio é uma fisioterapia para mim. ... É de onde vem o nosso sustento também. Vivemos da pesca e vazante, algumas pessoas aqui plantam na ilha do Balaieiro, do ilhote”.

Lidia B. Gonçalves, 59 anos



Figura 14: Maria Aparecida A. Batista – “dando de mamar para a neta” (Equipe de fotografia, 2017)

“ Eu não aquento nem ir em SP por causa do rio. A gente acostuma viver com ele. A pisar nesta laminha para plantar abóbora, milho feijão. A gente costuma ficar com a sementinha no bolso plantando. Dar no tempo você olha aquela abobrinha verde ali, a outra mais inchada. Ouve os passarinhos cantar, eu não aguento ficar longe daqui, eu não aguento ficar fora dessa beira de rio de jeito nenhum. 58 anos aqui, é tempo né?”

Maria A. A. Batista, 59 anos

“ A gente fazia roça de milho, feijão de corda, batata doce, feijão de arranque, quiabo – eles gostavam de plantar nas extremas”.

Olívia B. Bonifácio, 70 anos

AQUI TEM RAÍZ PLANTADA, ISSO DÁ RAZÃO PARA REGULARIZAÇÃO DO TERRITÓRIO



Telhas antigas fabricadas por comunitários, roda de capoeira, apetrecho de pesca - colfo (Equipe de fotografia, 2017)

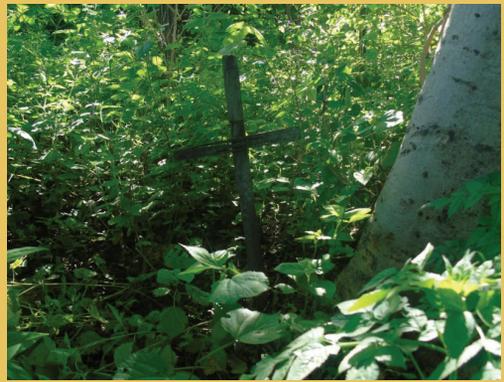
“ Eu creio que a regularização do território vai ajudar a harmonizar, porque aqui neste território tem muita coisa plantada aqui, muita raíz espiritual. E onde tem raiz espiritual tem que retornar para o dono”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ Nós temos aqui dentro, até anjinho, parente nosso, enterrado aqui. Nosso temos muita coisa espiritual aqui, muita luta, muito samba, muito lundu. Muita coisa espiritual e material aqui dentro do território. Isto, não pode passar para outra mão. Porque são raízes antigas, outra pessoa não vai entender isto. Por exemplo, a tua casa você anda por tudo conter canto, mas não ver a hora de chegar na tua casa, tua cama, teu conchego e sentir aquela paz.

Quando está em outro lugar, não igual em sua casa. A mesma coisa é este território, a gente pode ir para outro lugar, mas não é igual aqui... A regularização do território daria mais tranquilidade para corrermos atrás de benefícios para a comunidade: energia, água, escola, saúde”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos



Cemitérios dos antigos quilombolas, destruídos pelos Fazendeiros (Equipe de fotografia, 2017)

“ Nas comunidades tudo nos temos parentes, em todas elas temos parentes. Tenho parente no Croatá, na Gameleira, na Quebra Guiada, no Balaeiro, no outro lado em Caraíbas. Queira ou não, a gente tem uma ligação só, nós temos parentes nas comunidade todas [...] Posso sair de casa com a roupa do corpo, porque, chegando lá eu arrumo onde comer e dormir e sou tratada bem, porque a gente tem família lá né? E acontece de um casar com outro né? Por exemplo, a Madalena é minha prima, ela mora aqui, mas a filha dela mora do outro lado em Caraíbas. Os parentes se casam muito com os parentes aqui”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ Uma vez eu perguntei para Maria, que é mais velha que eu: onde você aprendeu o Lundu? Ela disse há aprendi com a minha mãe[...]. Nós sabe algumas coisas, que não sabemos de onde vem a origem mesmo. Sabemos que vem dos nossos antigos. Dos parentes, pai vai ensinando para filho. A gente tem coisas que não é de origem de gente comum, mas de uma história de uma tradição, como a pesca, meu pai pescava de flecha. Meus antigos tudo conta a história de que de primeiro não tinha rede, eles faziam o colfo e fazia o tal do caboclo e flecha. A gente via que o que eles contavam era coisas de uma nação mesmo. O espiritismo, tem os preto veio. Eu vi que a gente não era comum não, a gente tinha uma tradição quilombola. Nos veio de família tradicional, podemos não ter nascido na África, mas algum parente nosso veio de lá, até a doença falciforme trouxe para a nossa família”.

Lídia B. Gonçalves , 59 anos

UMA HISTÓRIA DE NEGAÇÃO - AS ORIGENS SÃO DURAS



Erotildes B. dos Santos (Equipe de fotografia, 2017)

“ A anemia falciforme veio com os negros da África, e neste meio eu entrei de gaiato no navio. A minha raça todinha é dos negros. Os brancos estão aparecendo agora. Os antigos tudo eram negros. A historiadora que veio aqui, fez a pesquisa e viu que o meu tataravô era escravo. A história de escrava eu vim conhecer na escola, A gente na escola era muito discriminada, era diferenciado o preto do branco. A professora dava um beijo no branco e não dava no negro. Aí a gente foi percebendo que a gente é excluída pela cor da pele”.

Erotildes B. dos Santos , 64 anos

A INICIAÇÃO DE LIDIA BONFIM GONÇALVES NA UMBANDA E OS BENZIMENTOS



Lídia Batista com fotografias da tradição na Umbanda (Equipe de fotografia, 2017)

“ Estas fotos me representa uma paz, eu lembro, quando a gente vai arrumar o altar, aqui em cima quem tem ficar acima de tudo é oxalá, nosso senhor Jesus Cristo, o lugar dele tem que reservado bem em cima. Abaixo dele, os nossos santos que é nossa senhora Aparecida, São Jorge Guerreiro que são os nossos santos aqui, que agente crer né? Nossa Senhora de Fátima. Aí mais para baixo agente, vem os santos da Umbanda, que agente considera da umbanda. Que é os caboclos, os caboclos: índio, ogum. Mais para baixa já vem a Yemanjá. Aqui do lado nas pedras vem Xangô, Xangô é das pedras. Yemanjá dos mares. Aqui tem a Iansã, e aqui tem Oxum. Iansã rege o vento, é a senhora da tempestade e do vento”.

Lídia B. Gonçalves , 59 anos

“ Na época mesmo né agente... quem crer, vem aquele vento forte, a gente pega um punhado de sal e joga pro lado do vento e chama ela: Parreia Iansã. Aí diz que até o vento cessa. Diz que ela vem no meio do vento. Oxum é senhora da água doce. Arerê mamãe Oxum. Eu lembro da saudação. Eles são uns orixás de luz. Orixás que transmite paz”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ Desde pequena eu era meia diferente mesmo, sabe? Eu falava coisa que eu não entendia, eu benzia sem saber que eu estava benzendo. Aí tinha um tio meu, o tio Arlindo, foi com ele que eu comecei mesmo a descobrir o meu dom. Esse meu tio Arlindo era da Bahia. O povo falava que ele era feiticeiro, macumbeiro, essas coisas né? Diziam que ele sabia muitas orações brabas: de

se esconder, de pegar, de se virar em toco. Dizem que ele sabia muita oração mesmo”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ E nessa época o didinho Arlindo, me chamou: vem minha filha, vem cá filha de Joana, quero falar com você. Aí ele pegou minhas duas mãos colocou em cima das mãos dele, e me disse: olha minha filha eu vou ensinar uma coisa para você, mas isto que vou ensinar você não pode passar para outra mulher, isto só é de homem para mulher e de mulher para homem. Se um dia você tiver que passar isto para alguém, tem que passar para um homem, não pode passar para uma mulher. Aí eu perguntei, o que que é tio Arlindo? Ele disse, com o tempo você vai entender. Aí começou a falar umas palavras diferentes, com as mãos em cima da minha e depois disse, agora em diante esta cora é sua. Aí de noite nós foi fazer uma roda de batuque, aí eu caí nesta roda e comecei a dançar e aí um espírito me pegou. Já acordei numa esteira com pessoas rezando em mim”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ Depois disso quando voltei para São Paulo, era lá que agente morava, eu fiquei passando com umas coisas diferentes, eu tinha uns 13 anos de idade e quando o espírito pegava eu ficava maltratada porque o corpo não aguentava. A minha mãe chamava os crentes para ir me benzer e chamava o padre para ir tirar estas coisas de mim, isto já vivia acontecendo diariamente. Mas, nada resolvia. Aí uma mulher falou: vai no Centro. Aí eu fui neste Centro da Dona Dulce. Quando eu entrei parecia que eu tinha entrado

na minha casa, me sentir tão bem, tudo aquilo dá certo para mim. Mas, minha mãe não gostava e dizia que era coisa do diabo, mas, eu gostei demais e fiquei indo, as vezes escondido. Aí eu comecei a controlar minha mediunidade no Centro, encontrei a saúde”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ Uma vez uma prima nossa aqui de Minas foi para São Paulo desenganada dos médicos, ela tinha epilepsia aí uma dia caiu no chão e minha mãe ficou apavorada, o Espírito me pegou na hora e benzeu ela e ela levantou, era uma Preta Velha chamada Maria Bastiana. Ela benzeu e a mulher ficou boa. Mesmo assim minha família não aceitava. Mas, os Orixá mesmo já marcou o dia de voltar na terra para fazer os banhos e outros benzimento nela, explicou o que ela tinha, parece que foi coisa de parto. E tinha que fazer a segunda sessão. Eles ficaram tão abismados dela levantar uma pessoa que estava toda torta e se batento, sabe que eles acreditaram e pegaram fé na hora, minha mãe principalmente, que não gostava. Aí na segunda sessão eu já estava mais evoluída, porque eu já tinha aprendido no terreiro com fazia”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ Eu estava me preparando para fazer um trabalho de sessão, cantando e marcando ponto, e meu irmão que não gostava disso, ficou furioso, ele era desses valentões que sabia capoeira e não tinha homem que segurasse ele. Ai ele viu aquilo e meteu um tapa em mim que eu cai inconsciente. Ai já foram as pessoas que me contaram: disseram que eu me levantei e peguei meu

irmão pela camisa que levantei ele dominando de um jeito que ele não se soltava, viram que não era eu mas, um espírito, era seu Tiriri que tinha me dominado – era um Exu, meu irmão pedia pra que eu soltasse, mas, nada, seu Tiriri fez com que meu irmão promettesse que só largava se ele fosse meia noite levar uma oferenda pra ele na encruzilhada. Meu irmão aceitou tudo e daí por diante começou a ter fé. Ora, se fosse eu mesmo não tinha nem como dominar ele”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ Ai minha irmandade toda tinha dificuldades de ter filhos, e quase todos quem fez o parto foi minha Preta Velha, chegava criança doente e saia boazinha com os benzimentos. Muitos trabalhos foram feitos de curar os doentes. Um dia chegou em casa uma pessoa da Federação pra me se cadastrar, ai viu meus trabalhos e perguntou se eu não queria se fazer no Santo pra ter minha casa e cuidar dos filhos, eu disse que não tinha condições mas, ele ajeitou tudo ai eu me fiz, recebi os fundamentos na cabeça para os Orixás no Candomblé, mas, como minha linha era mesmo a Umbanda eu me fiz no Candomblé, mas, coloquei minha casa em São Paulo na Umbanda”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“ Eu estava grávida, comecei a sentir dores, só que as dores não eram normal né? Eu sentia uma dor na escadeira e na costela e o menino, não tinha dor do jeito certo para nascer. Aí na época minha tia Lidia Bonfim, neta da Lidya Batista, na época ela trabalhava com santo de Umbanda, ela era médium no

caso. Aí ela tinha um espírito, um entidade que incorporava nela que se chamava Baiana. E ela tinha um cuidado com os filhos de mãe, e falava que tinha batizado nós como filhos dela né? Então na época, eu era muito nova, não tinha experiência, e o meu menino estava colado na minha costela, eu ia para o hospital e voltava e nada de ele nascer. Aí minha mãe lembrou: vai chamar Lidia, tudo na nossa família era a tia Lidia, já teve tio Arlindo, ela era curadeira de todo mundo, chamava ela. Aí ela veio, assim que ela benzeu, ela incorporou a Baiana, que benzeu a minha barriga, minhas costas. E ela disse: daqui a cinco minutos você vai ganha, eu vou sair daqui para descansar meu cavalo, porque ele vai pescar (no caso o cavalo era tia Lidia né?).

Eu vou embora, daqui a cinco minutos o nenê vai nascer. Ela botou o pé para o lado de fora da porta o meu nenê nasceu. Eu creio, porque Deus fala que entre o céu e a terra, eu sou evangélica hoje, mas Deus fala que entre o céu e a terra há muito mistério que só ele pode desvendar. Eu creio assim, quando a coisa é feita para o bem, eu não creio que é coisa feita pelo diabo. Já mais o diabo irá fazer uma coisa para o bem. Uma criança para mim é benção, se naquele momento ela não tivesse chegado lá, eu tinha morrido com meu filho, porque eu já tinha ido nos hospitais e nada de meu filho nascer, [...] meu filho é Maicom Jonatas e ele tem 21 anos”.



*Amélia – primeira da esquerda para a direita
(Equipe de fotografia, 2017)*

Amélia B. Novais, 39 anos – sobrinha de Lídia Bonfim

“ Quando voltei pra cá, pra Sangradouro continuava trabalhando, ajudando o povo, mas, tudo que acontecia de bom e de ruim o povo acusava dizendo que era eu a macumbeira, e ai foi muita perseguição. Ai eu fui me desgostando e resolvi largar tudo e ir pra Igreja de crente, a Igreja da Congregação Cristã e estou há 13 anos[...] Uma vez nas lutas em Brasília, com os toques ai, eu dançava, e tinha gente que dizia: nossa como você dança e cada ritmo de um jeito! Muitas vezes eu acho que não sou eu é outra coisa, o toque dos tambores chama os Orixás. Os tambores da Bahia chamam mesmo! Certas coisas, eu acho que não é eu totalmente, é a metade de mim!”

Lídia B. Gonçalves, 59 anos

“Somos povo tradicional ...” ILUSTRAÇÃO MEMORIAL DO TERRITÓRIO DA COMUNIDADE SANGRADOURO GRANDE



Explicando o etnomapa construído (Equipe de fotografia, 2017)

“ Aqui está o nosso trabalho feito no final destes dias... Todo mundo colaborou com a sua parte. Aqui nós apresentamos o que era antes – que era dos nossos antepassados, o que eles faziam, o que eles comiam, do que eles viviam. A gente conseguiu mais ou menos... A nossa comunidade fica acima do barranco do rio São Francisco... Nós utilizava muito as coisas do rio. Nossos antepassados pescavam de rede, de colfo de cipó de bugia, de arco e flecha, de arpão. Tudo isto era o modo de pesca da nossa família. Tudo saía da própria natureza... No centro vivia a laiá Lidya – a matriarca da comunidade, povoado, quilombo antigamente. Ela dirigia a família toda, é tanto que ela foi colocando um perto do outro e não deixou ninguém sair de perto dela... tinha muitas comidas tradicionais – tinha um tal de feijão com osso, faziam beju de massa, pescavam e faziam peixe grande com caldo grosso, a madioca – a farinha jogada por cima do caldo alimentava para o dia inteiro... a cura, nós procurava na natureza – para curar os males... os anjinhos eram enterrados no próprio quintal mesmo... A casa de Manoel Barba Dura – antes era da dindinha Ana. Ela criou Maria que continuou a tradições que temos: folia de Reis, São Gonçalo, fogueira de São João, a roda de batuque que é tradicional... Manoel Barba Dura é quem fabrica instrumentos de músicas na nossa comunidade... A roda de batuque foi passada de geração em geração, nunca morreu dentro da nossa

comunidade, até hoje nós pratica dentro de nossa comunidade.... Na nossa família , também tinha alguns feiticeiros, feiticeiros no modo de dizer... tinha o livro de são Cipriano, sabiam umas rezas meio loucas – disse que se jogasse o livro na água não molhava, no fogo não queimava e ele se transformava em toco. Tinha uma oração de escorregar que nem ninguém pegava ele. Ele nada muito bem... Quase todas as mulheres em nossa comunidade foi parteira... por isto muitas falam: mãe Ana, mãe Zefa, mãe Afonsa, mãe



Oficina da Cartografia social - construindo o etnomapa da comunidade Quilombola do Sangradouro Grande (Equipe de fotos, 2017)



Roda de Conversa – Oficina da Cartografia social (Equipe de fotografia, 2017)

Idalina... porque elas pegaram aquelas pessoas que as chamam de mãe, quando nasceram. Os mais velhos da nossa família morreram tudo acima de 80 anos... no barreiro do forno eles criavam as coisa que queriam, precisavam: pote, panela, telha... Na floresta tiravam raízes para fazer remédio. No pântano perto das lagoas era plantado arroz. Arroz naquela época era mistura. A comida mesmo, forte era o pirão de peixe e feijão com osso e farinha. Uma colher de arroz era mistura. Tinha muitas frutas nativas: saputá, jenipapo, cajá, manga, goiaba. A vida, sustento e remédio era do rio e da terra. Até certas roupas eles faziam do algodão que tinha na terra... Estamos cercados de comunidade que são também quilombolas: quebra guiada, mas para baixo tem o quilombo do Balaeiro, na frente nossa do outro lado do rio tem o quilombo dos Caraíbas, para lá do Balaeiro tem o do Tejuco, tem o do Podóleo, tem o quilombo d Gameleira, tem o quilombo da várzea da cruz, tem o quilombo do Croatá e tem o de Maria Preta aí para baixo, resumindo esta beirada de rio é tudo um quilombão. São umas 10 comunidades que existem só neste pedaço... Tem intrusos que nos atrapalha aqui na comunidade: fazendeiros, draga de areia – que está acabando com o nosso rio São Francisco... o barulho dessa coisa atrapalha os peixes de transitar aqui na nossa área, essas coisa atrapalham a nossa comunidade, esperamos que a justiça uma hora seja feita, é par isto que estamos trabalhando, temos esperança, como os mais velhos de uma vida melhor no território para os nossos filhos. Este é o território da família Lidya Batista situado no sangradouro grande”.

Lídia B. Gonçalves, 59 anos



Netos de Lídia Batista – da direita para esquerda: Ramiro, Erotildes, Cristina, Lídia, Olívia (Equipe de fotografia, 2017)



Bisnetos e tataranetos de Lídia Batista – da direita para a esquerda: Jandira, Amélia, Wesley, Maria Madalena, Henri e João de Bujeta(Equipe de fotografia, 2017)

CONTATOS:

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADES TRADICIONAL QUILOMBOLA FAMÍLIA LÍDIA BATISTA DO SANGRADOURO GRANDE

Área Rural
Cep: 39480-000, Januária, MG

SABEH - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA (Núcleo da Nova Cartografia Social do Rio São Francisco)

Rua Campos Sales, 180 – Cleriston Andrade, Paulo Afonso – CEP: 48.603.440
Tel.: 75. 3281 0848
E-mail: contato.sabeh@gmail.com
www.sabeh.org.br

CPP - CONSELHO PASTORAL DOS PESCADORES DE MINAS GERAIS

Rua Vinte um de Abril, 145 – Centro, Buritizeiro – MG
Tel.: 38. 37401608
e-mail: cppminasgerais@gmail.com

Realização:

Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande

APOIO:



Fundo Nacional de Solidariedade (FNS)
Campanha da Fraternidade





PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida.
2. Luta e Resistência pelo Território.
3. Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco.
4. Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande.

Realização:

Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande

Apoio:



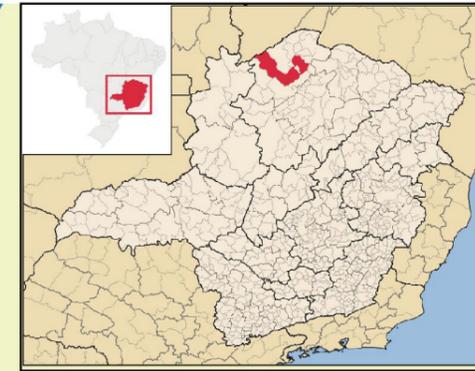
Fundo Nacional de Solidariedade (FNS)
Companhia de Fraternidade



Comunidade Quilombola Família Lídia Batista de Sangradouro Grande Minas Gerais



Januária



LEGENDA

- Identidade**
- Casa de tia Ana e Ioiô Arlindo
 - Casa de José Batista e Amélia
 - Casa de tio Pedro
 - Casa de tia Afonsa
 - Casa da tia Dalina
 - Casa de tio Bujeta
 - Casa de Iaiá Lídia/ Sede da Associação
 - Casa da tia Maria Véia
 - Casa do tio Manoel Preto
 - Casa de Justino
 - Casa e Manoel Tomais
 - Casa de Vicentão
 - Casa do tio João Meira
 - Casa de Ramiro
 - Casa de Manoel Barba Dura
 - Casa de tia Josefa
 - Casa de Basile
 - Casa de Lixandre Biscoito de Sebo
 - Casa de Serevino
 - Casa de Dionísia
- Cultura e Fé**
- Ervas medicinais
 - Comidas Típicas
 - Roda de Batuque
 - Benzedeira
 - Feiticeiro Arlindo Benzedeiro
 - Fogueira
 - Cemitérios Antigos
- Atividades Produtivas**
- Pesca de Cofo
 - Pesca de Rede
 - Barcos
 - Cipó de Buji
 - Casa de Farinha
- Conflitos**
- Draga
 - Cerca da Draga
 - Barreiro de Forno
 - Fazendeiros
 - Trator de Desmatamento
 - Intrusos
 - Casa de Fazenda Itapiaçaba
- Convenções**
- Estrada e Rodovia
 - Ilhas
 - Hidrografia
 - Área de Vazante



Pedras de Maria da Cruz



Escala: 1:23.400

Fonte: IBGE, 2010;
Croquis Comunidade.
Equipe de Elaboração: Alzeni Tomáz,
Ana Paula, Gilmar Rodrigues, Leticia
Rocha, Paula Regina Cordeiro, Rafael
Pereira.
Cartografia: Paula Regina Cordeiro